

Que estão a fazer à nossa Cultura?

Domingo 11/9/83 p.3

Publicámos recentemente uma carta de um leitor a propósito do espectáculo levado a efeito no cinema «África» no âmbito dos actos comemorativos da realização do IV Congresso do Partido Freilima. Nesta carta o leitor insurge-se contra aquilo que ele afirma serem adulterações graves ou substituições nas danças e sobretudo nos trajes apresentados pelas artistas em palco.

Em boa hora respondeu à carta o respectivo Departamento de Espectáculos e Entertimento da Secretaria de Estado da Cultura a contrapor certas questões que, no entanto, julgamos ainda não responderem cabalmente ao leitor e ao público em geral mas que podem abrir uma polémica aliciente nesta altura em que crescem grupos culturais que ambicionam apresentar no palco aquilo que só têm feito nos terreiros dos seus bairros ou nos pátios das suas fábricas.

Ao modificar certos aspectos da nossa música e danças tradicionais estaremos a trair ou a valorizar? Tem a palavra o leitor mas para já vamos transcrever a carta do DEE:

Ao apresentarmos um sarau cultural completamente diferente dos anteriores, com trechos reduzidos, com rígidas coreografias, com apenas o aproveitamento dos principais gestos e passos de cada dança, com projecção de slides, jogos de luzes, com um trecho de música ligeira destacado, sabíamos que algumas vozes se levantariam discordantes, principalmente daquele sector que pensa que a «verdade» cultural, a sua «pureza», não possui uma dinâmica própria — é estática e monolítica como as Pirâmides do Egipto.

E essa voz levantou-se, através de «Um Espectador», na vossa edição de 28 de Agosto passado.

Em boa hora.

Ela, a carta, possibilitou-nos um contacto com todos aqueles que se interessam pelo fenómeno cultural dum povo — e bom seria que este contacto passasse a um amplo debate.

Torna-se realmente necessário clarificar alguns assuntos e rebater outros. Ao contrário de «Um Espectador», que subscreve a carta, nós não possuímos verdades absolutas nos bolsos; as nossas dúvidas são permanentes e, por isso, continuamos a estudar e a pretender encontrar as (julgadas) mais correctas apresentações e manifestações de cultura. Com a humildade que esta impõe.

Na carta em referência, várias perguntas se entrosam numa dicotomia de base: manifestação cultural no terreiro e manifestação-espectáculo em pal-

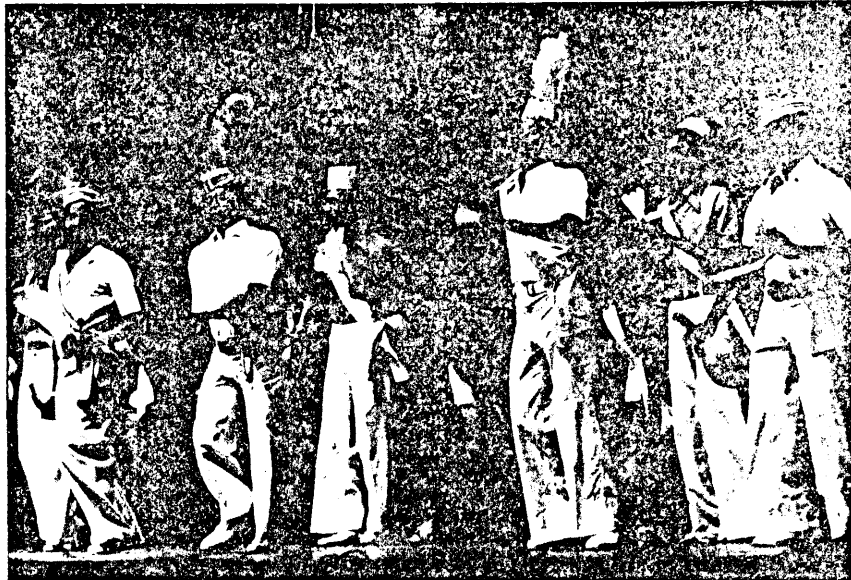
co. A primeira tem regras fluídas, quase deixadas de ser. A segunda tem as leis rígidas impostas pelo palco, com entradas, saídas, marcações, coreografias, etc. Não conhecendo este fenómeno, há «ortodoxos» que entendem que o correcto é levar aquele grupo que actua ali, no campo, livremente e como bem entende, tal como está, directamente para cima de um palco. Faz-se isso, sim, em todo o mundo, mas apenas quando se pretende dar uma amostra etno-



-cultural. Então, passa-se subtilmente de espectáculo, para lição, história e estudo.

O sarau cultural na África foi um espectáculo e, como tal, nele se respeitaram as leis do palco.

Quanto ao aspecto do guarda-roupa, focado com insistência pelo «Espectador», há que entender que ainda se procura encontrar o fato apropriado,



quando o bailarino passa do terreiro para o palco. Ali, ele dança como está, quer e entende, roto, descalço, de seios nus, etc. A transposição para o palco obriga à concepção de um guarda-roupa que realce e valorize as partes do corpo mais em ex-

pressão nesta ou naquela dança. Que não o tenhamos conseguido nalgumas actuações, concordamos plenamente. Agora que tal constitua «uma traição», como afirma o ortodoxo espectador, é forte de mais e só admissível no normal à vontade da ignorância.



Ainda a roupa. A fita na cabeça, quantas vezes usada até por Gungunhana, que o «Espectador» diz ser cubana ou jamaicana, é moçambicana também. Ou melhor, começou por ser moçambicana, pois nós exportámos muitas fitas destas para todo o mundo... envolvendo cabeças de escravos.

Quanto ao guarda-roupa da Investro, na Makwaya do sul, para lhe explicarmos que ele está correcto, teríamos de ocupar todas as páginas deste semanário. Seria um longo monólogo. O mesmo poderíamos apli-

car à Marrabenta. Esta, «Espectador», é possivelmente mais nova que o senhor. Pretendeu-se abastardar o quê? O classicismo de quê? Dos bailes alegres e madrugadores da Mafalala nos anos 50/60? Temos espaço apenas para lhe explicar que a Marrabenta tem tantos passos, quanto a fertilidade imaginativa dos pares. No palco da África mostraram-se apenas alguns mais comuns e que mais expressam a característica erótico-provocatória desta dança.

Queremos terminar com um pequeno exemplo-pista de raciocínio, o qual poderá estar directamente relacionado com o último parágrafo da sua carta. Num trecho tradicional, encontramos um acorde de dó maior, constituído, portanto, por dó, mi e sol. Levamos esse trecho para uma sala de espectáculos possuidora de uma orquestra. Naquela passagem metemos mais a 8.ª de dó, ou fazemos a 7.ª aumentada, com o si natural, ou a 7.ª natural, com o



si bemol. Perguntamos: enriquecemos o trecho ou o «atracçámos»? Temos em nós que o enriquecemos. Que sobre este assunto outras opiniões se exprimam, são os nossos votos, agradecendo ao «Domingo» o espaço que tão gentilmente nos cedeu para esta pequena intervenção.

Esta carta de «Um Espectador» trouxe-nos a possibilidade de falar de coisas verdadeiramente importantes, por serem básicas. Por isso, e mais uma vez, a damos como bem-vinda.

DEPARTAMENTO DE ESPECTÁCULOS E ENTERTENIMENTOS

